



## A MORTE, O BEM MORRER E A LONGA DURAÇÃO: A QUESTÃO DA DURAÇÃO NA HISTORIOGRAFIA DE ARIÈS E VOVELLE SOBRE A MORTE

Daniel Martins Ferreira<sup>1</sup>

### Resumo

Como parte do levantamento historiográfico que compõe toda pesquisa, neste artigo proponho a contrapor dois autores que são considerados referências no campo de estudos da história do pensamento e das atitudes diante da morte, das mentalidades e da soteriologia histórica, Philippe Ariès e Michel Vovelle. Em específico, debatendo como cada um trabalhou com o tema morte e demais temas análogos na longa duração e como entendem essa longa duração em seus aspectos teóricos e metodológicos. No final, um balanço sobre as qualidades e dificuldades das posições adotadas por cada autor permitirão uma conclusão no sentido daquilo que se torna útil para os estudos por mim empreendidos na análise da *ars moriendi* portuguesa, no século XVII. Neste sentido, a apresentação dos estudos sobre o pensamento religioso sobre a morte e sobre os manuais de bem morrer irão servir para situar o leitor no contexto em que Ariès e Vovelle irão surgir como caminhos para a pesquisa e a necessidade de melhor compreendê-los, para extrair de suas ideias, modos de se pensar o problema da *ars moriendi*.

**Palavras-chave:** Philippe Ariès. Michel Vovelle. Longa duração.

### Introdução

A revisão bibliográfica é uma valiosa parte do trabalho de pesquisa e, no caso do ofício de história, a revisão historiográfica. Observar os passos já dados por outros historiadores, antropólogos, sociólogos, estudiosos dos diversos ramos das ciências sociais, com temas e fontes similares ou ainda com uma abordagem que ofereça uma analogia que permita substanciar as escolhas metodológicas a serem tomadas.

Seguindo este caminho e ao escolher trabalhar com manuais portugueses de preparação para a morte do século XVII, fiz uma primeira análise exploratória de temas afins, localizando os autores de referência, as possíveis críticas e elogios às suas conclusões e caminhos de pesquisa e mapear as notícias mais recentes, aqueles que estudam temas próximos ao meu, que atuam no mesmo campo. E é um campo amplo.

O imaginário sobre o céu, o inferno e o purgatório, as práticas funerárias, a organização dos cemitérios, as representações sobre o morrer, a secularização das práticas e

---

<sup>1</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília, na Linha de Pesquisa História Social e suas múltiplas formas, desde agosto de 2014, sob a orientação do Professor Doutor Tiago Luís Gil. Esse artigo foi elaborado inicialmente durante a disciplina de Teoria e Metodologia da História, sendo posteriormente desenvolvido. E-mail para contato: [danielmartinsferreira@gmail.com](mailto:danielmartinsferreira@gmail.com).

mentalidades, a teologia da salvação das almas (soteriologia), a relação bilateral entre a relação com a morte e a vida cotidiana, os costumes de maneira abrangente. Não é uma lista que se exaure com estes temas, mas oferecem uma amostra da variedade

Durante essas leituras exploratórias, percebi a aparição, com certa frequência, da utilização da longa duração. Não o fazem da mesma forma, assim como não dão a mesma relevância a todos os períodos. Alguns tendo essa própria longa duração como finalidade, outros utilizando como um acessório de análise comparada. Enquanto não pretendo aqui efetuar uma devassa de todos os autores que tenha tratado das temáticas afins à morte ou sobre a questão da duração em si, método a método, escolhi alguns autores para análise que representam modelos maiores utilizando com variações menores. Devo dizer que é um artigo escrito voltado para uma necessidade prática de pesquisa, instruir o processo de organização das informações inerentes à minha pesquisa e temas específicos. Assim, a escolha dos autores e a relevância dada a algumas obras e a algumas críticas a seu trabalho, talvez só se justifiquem tendo isto em mente.

Algumas observações preliminares se tornam necessárias.

Primeiro, uma explicação sobre formas de abordagem do tema morte que tem sido trabalhadas em uma perspectiva de uma curta ou média duração. Segundo, um esforço de definição introdutória de longa, média e curta duração que se pretende simplesmente operacional para este artigo, de forma a deixar transparente o que procuro expressar com cada termo. Não representando necessariamente uma filiação a autores específicos, mas apenas um esforço de definição conceitual.

Sobre as outras formas de abordagem, não pretendo argumentar aqui pela inexistência, na historiografia, de estudos que atuem na curta ou média duração. Inclusive, a aproximação na linha do tempo em relação ao objeto estudado é muito comum entre aqueles que tomam por objeto o estudo de irmandades religiosas eclesiásticas e leigas, tema que faz fronteira com as pesquisas sobre o morrer e a salvação das almas, sendo que um dos principais motivos de ser dessas associações é exatamente garantir recursos e solidariedade para este fim. Estas eram formadas com vários objetivos. Em uma visão talvez por demais funcionalista, agrupavam-se para formar redes de solidariedade, tão mais fortes quanto seus integrantes não tinham outros instrumentos a recorrer (como no caso de irmandades negras), servindo como espaços de sociabilidade, manobra para se obter um *status* social privilegiado, mas em última análise, eram também instrumento para resguardar a salvação das almas.

E para melhor compreender como se instituía essa relação, quão eficaz eram suas ações e até para averiguar a situação social de cada irmandade, o próprio objeto parece chamar a análise dentro de um tempo mais próximo da ação humana sensível, dentro de uma geração ou ainda em um recorte mais comprimido, de alguns anos, relativos aos intervalos entre uma direção e outra. Possuindo muitas vezes áreas de uso exclusivo de seus irmãos

nos cemitérios ou nas demais respectivas áreas protegidas pela benção da Igreja, terão uma forte ligação entre a maneira que pensam a morte e a própria base material que sustenta em um nível mais basal os ritos funerários.

Responsáveis também por conduzirem preces contínuas em nome de irmãos falecidos e de disponibilizarem rituais específicos para seus funerais. Essas irmandades irão se adaptar ao sabor do momento e da oportunidade, crescendo ou reduzindo em números drasticamente de acordo com o momento. Ana Cristina Araújo (Araújo 1997) fala de irmandades em Portugal que se constituem após grandes desastres naturais, como terremotos. Cláudia Rodrigues (Rodrigues 1997) fala de um crescimento de quadros em irmandades da Boa Morte, após grandes momentos de doenças e alto índice de mortes.

Ainda assim, esses estudos variam entre análise sócio-política e a observação dos discursos e as mentalidades (termos os quais discutiremos mais a frente). Quando o texto se aproxima desses segundos elementos, a tendência a longa duração surge, relacionando a inscrição mais local e condensada de uma irmandade, talvez através de algumas poucas décadas, a projetos de longos séculos católicos ou ainda a conceitos mais abrangentes como ocidentalidade. Os mentores intelectuais, campeões de citações, são de longe os franceses Ariès e Vovelle, embora deva confessar não poder apresentar um estudo estatístico dessas citações. Outros poderiam ser adicionados a este rol, mas não é o nosso presente objeto de análise.

Em verdade, essa atração pela longa duração também influenciou meu trabalho, talvez confirmando um pouco a suspeita sobre a influência estrutural da academia e redes cruzadas de referência. E daí meu interesse em travar um contato consciente com esses autores, Ariès e Vovelle, assim como promover uma leitura de suas utilizações do tempo histórico e suas metodologias e fazer uma comparação com o próprio trabalho que executo.

O objetivo aqui não é o de empregar cegamente seus modelos ou adaptá-los, como se o trabalho histórico dependesse da adesão aos tabus de um meio, mas, sim, considera-los e retirar dos mesmos aquilo que seja útil, sem executar uma garimpagem descuidado. A utilização de conceitos de forma parcial pode ser tão perigosa quanto a utilização cega dos mesmos de maneira integral.

Sobre a definição de longa, média e curta duração. A título de uma definição operacional e com um nível de complexidade reduzido, priorizando a clareza. Primeira escolha que quero tratar e que já deve estar evidente é pela utilização dos termos curta, média e longa duração. Existem diferentes formas de se falar da percepção do tempo e do tratamento historiográfico do mesmo. Acredito que esses termos ainda que tenham nascido de debates específicos em tempos específicos também foram, aos poucos, ganhando características mais genéricas, permitindo sua utilização sem a adesão direta a um conjunto teórico. Enquanto possam significar, em outras abordagens, questões sobre dilatação e compressão do tempo, ondas

históricas, camadas estruturais do funcionamento da sociedade, aqui utilizo os termos quase como em uma relação meramente temporal.

Assim, quando eu me refiro a curta duração trato da duração mais próxima da percepção do agente histórico, o tempo por ele sensível. A medida de algumas décadas até um limite aproximado de um século, representando espaço de algumas poucas gerações que tenham tido a chance de contato entre os extremos dessa medida temporal. Não limitarei a dizer que é uma relação avô-pai-filho, mas seria um núcleo relevante a esta medida, desde que se tome atenção que nesta extensão o avô traz influências já de outros tempos e o filho (neto) carregará aquilo que recebe e transforma até as gerações subsequentes.

Enquanto a curta duração possa ter ligação direta a esta noção de tempo sensível, chamarei de longa duração aquele tempo composto por um encadeamento de vários séculos, aquilo compreende (de uma forma talvez mecânica demais) as eras/períodos, tais como idade média, moderna, contemporânea, etc, embora não restrita a essas categorias e também podendo se estender a mais de uma dessas eras em uma sucessão tão impressionante que poderia se falar de longuíssima duração, mas como a intenção aqui é operacional, essa distinção entre longa e longuíssima duração poderá ser ignorada em benefício da primeira terminologia.

A média duração se compreende em uma espécie de definição negativa, sendo aquilo que foge do tempo sensível e que não chega a configurar os longos períodos das eras/idades, como subdivisões destas. Por esta razão, irei privilegiar neste artigo os dois opostos extremos, curta e longa duração.

Existe um silêncio proposital sobre a relação destas medidas de tempo e os pressupostos científicos que os sinalizam que vão além da finalidade operacional. Como a intenção do artigo é evidenciar a maneira como alguns autores trataram a questão do tempo em seus estudos sobre o tema morte, espero que a análise de cada autor preencha a maneira como efetuou essa imbricação entre duração e pressupostos. Poderia já começar afirmando, e com facilidade, que a curta duração privilegia questões culturais e sociais do que efeitos econômicos e de natureza propriamente física, mas isto seria desde começar com as respostas. Embora as questões sobre duração já possuam um certo peso de ideias que compõem um lugar comum das ciências sociais e marcadamente da história, espero conseguir oferecer um espaço para que estes lugares comuns sejam reivindicados ou negados pelos achados aqui expostos.

### **O bem morrer e a retórica**

Minha pesquisa de mestrado trata do discurso eclesiástico católico no Império Ultramarino Português, no século XVII. Aqui, a divisão política dada pelo alcance dos domínios portugueses não é importante por si só, por geopolítica, mas por oferecer marcos

aproximados de difusão do discurso fomentados pelos padres que fizeram utilização das tipografias lusas para transmitir suas mensagens.

As redes de comunicação formadas por esses padres, distribuídos entre o clero regular e o secular e em diversos níveis hierárquicos e com diferentes posições e seus privilégios, não eram limitadas ao seu púlpito, ao alcance de suas palavras ou ainda apenas aos leitores portugueses, cruzando fronteiras nacionais por meio de suas viagens ou pelas comunicações internas às ordens, o que ocorria não só como elemento comum, mas como parte do modo de ser dos jesuítas.

A comunicação entre os jesuítas em suas missões e atribuições entre si e em relação ao centro da Companhia de Jesus, em Roma, não era apenas um hábito criado, mas uma parte importante das lições da ordem, sendo uma prática estimulada desde Inácio de Loyola, para manter a coesão, a união e oferecer algum alento àqueles em missões isoladas. Por esta razão, escolhi priorizar os textos desta ordem. Assim, a peculiaridades de cada grupo, indivíduo, momento poderão se apresentar como também diferenciar em seus escritos, em seu discurso, mas existe uma outra influência que, embora também possa ter suas particularidades a cada subgrupo católico, parece ter estruturas comuns (ou comuns o suficiente para suas diferenças serem ignoradas): a retórica.

A retórica religiosa possui como um de seus mananciais apresentar um discurso ancestral. Ainda que se componha de novas ideias, embute em seu dizer a noção de que aquelas ideias e concepções existiam desde sempre. Resta ao escritor, não o papel de criar uma nova forma religiosa ou uma nova forma de ser fiel, mas revelar as pérolas da sabedoria divina que estavam lá e sempre estiveram (Perelman and Olbrechts-Tyteca 2005). A utilização sutil de símbolos antigos, palavras conhecidas e palatáveis ao longo escrutínio de censura é constante e, aquilo que é novo, ou é revestido de uma roupagem tradicional ou, ao menos, não possui o apelo da novidade.

Assumo como um de meus pressupostos que esse é um dos pontos de apoio da retórica religiosa, a legitimidade por sua conexão a uma ancestralidade em que a novidade não pode existir e ser aceita sem a companhia do antigo ou sem a autorização. Uma autoridade religiosa pode inovar em um discurso, mas para isso utiliza de uma autoridade que não se relaciona à inovação pretendida, mas à tradição que o constituiu e o capacitou a poder se apresentar e ser ouvido como essa autoridade. E, como uma última nota, a tradição não é apenas o que os religiosos profissionais utilizam e acreditam, mas é também o meio de ouvir dos fiéis, os óculos utilizados para a leitura das mensagens religiosas. Sendo este um segundo pressuposto. Enquanto a retórica prepara a mensagem para um público de forma a garantir a sua percepção correta, o público tem sua participação ativa, como frutos também de experiências de vida e influências de seus meios socioculturais. Isto é reconhecer que estudar os textos religiosos não é falar da recepção daquele discurso, mas sobre a percepção de

quem o escrevia, a sua tentativa de convencer seu público e a sua própria visão sobre sua audiência, seus leitores.

Neste sentido, a perspectiva da longa duração começa a se apresentar como uma solução, mas acompanhada de problemas. A minha pesquisa sobre discurso utiliza como fonte manuais devocionais conhecidos como *Ars moriendi* (arte de bem morrer), também chamados de manuais/livros que ensinam a bem morrer ou, de forma reduzida, manuais de bem morrer. Nestas obras a inovação não é totalmente repelida. Por vezes é divulgada como elemento de valorização da obra. No caso, a alegação de que o livro em questão é mais curto que os demais existentes, ou que é mais acessível ao leitor parece ser recorrente são repetidas, como podemos ver, como exemplo, no século XVII e no XVIII, respectivamente trato dos manuais *Breve Aparelho* (Castro 1627) e *A Escola de Bem Morrer* (Bonucci 1701). O primeiro foi escrito e impresso em Portugal, no início do XVII, com sua edição mais antiga em 1627. O segundo foi escrito no Brasil, mas também impresso em Portugal, sendo publicado em 1701.

Ambos os autores são jesuítas, entretanto, Estevão de Castro, autor do *Breve Aparelho*, viveu próximo à primeira geração da ordem, estando na crista da onda das reações tridentinas. É um dos primeiros manuais de bem morrer em língua portuguesa no lugar do latim inacessível (em uma população em que a leitura e a escrita não é nem perto de comum e acessível à maioria, a leitura em latim é um privilégio ainda mais exclusivo, o inacessível dentro do inacessível).

Se acompanharmos a periodização sugerida por Cláudia Rodrigues, Castro se situa em um momento em que a linguagem da *Ars moriendi* sofre uma alteração, de uma linguagem focada nos momentos finais, na hora derradeira e nas últimas preparações para o fiel enfrentar as tentações de seu leito de morte, para uma literatura que tem por interesse ensinar a como viver bem, deslocando o foco dos momentos finais para o cotidiano do fiel e os comportamentos normais que deveria ter, para alcançar a salvação.

Já Antônio Maria Bonucci pertence a um outro momento. Foi secretário de Antônio Vieira e um dos fundadores da Confraria da Boa Morte, no Colégio dos Jesuítas, em Salvador. Seu texto se vincula a um estilo que fica entre a escrita missionária das cartas jesuíticas, que tenta relatar seus feitos (tais como as cartas jesuíticas), entre o regulamento confrarial (que estipula regras de admissão e benefícios) e entre o estilo de manual devocional, que tenta expor o conteúdo doutrinário em disposições acessíveis ao leitor. Em relação à periodização de Rodrigues, já estaria em um tempo de consolidação da escrita focada no bem viver. Mas como pode ser percebido, a sua finalidade e audiência determinavam influências significativas, fazendo com que seu foco desviasse de uma pregação plana sobre o bem viver, mas também estabelecer regras para adesão à Confraria a qual coordenava. Poderia ser considerado uma variante do bem viver, afinal, era um bem viver dentro de regras de uma confraria, mas é

interessante frisar essas particularidades. Elas não impedem ou anulam a classificação aqui em exposição, mas problematizam seu

As conclusões ainda não podem ser finais, mas se tomasse qualquer dessas obras individualmente, ainda que as sujeitasse a uma crítica das fontes, teria por evidência que todos os demais manuais de seu período são de grandes extensões e inacessíveis a seus leitores, posto que esses autores se advogam no sentido contrário. Entretanto, pela comparação entre os dois pode-se vislumbrar significações diferentes. A título de hipótese, Estevão de Castro poderia querer se diferenciar das obras que eram majoritariamente destinadas apenas a sacerdotes, escritas em longa extensão (chegando facilmente às mil páginas) e em latim e sem possuírem índices remissivos (como Estevão possui) e com um estilo de escrita doutrinário diferente.

À época de Estevão, os textos religiosos se entregavam a sermões escritos, fazendo discussões da fé com vastas citações dos padres doutos da Igreja ou filósofos abalizados. Estevão irá dividir seu texto de maneira prática, possuindo seções diferentes para estágios de doença gradativos, aproximando-se cada vez mais do instante derradeiro da morte.

À época de Bonucci, os textos como o de Estevão já eram mais comuns. Esse gênero de manuais - mais curtos, em língua vulgar e destinados a um público universal interessado no bem morrer e demais discursos devocionais - já era consolidado. Obviamente, ainda não é uma sociedade de grande penetração da leitura, devemos resguardar as proporções. Mas já é um período em que a leitura em grupo e a transmissão de conhecimentos escritos começa a penetrar a oralidade. Podemos aqui acompanhar, rapidamente, o debate entre Chartier e Bourdieu (Chartier and Bourdieu 2011) em que se fala sobre os efeitos mais abrangentes de uma sociedade que começa a ler. Não é somente o fato de se ler acesso a este ou aquele livro, ou da capacidade individual da leitura, mas os próprios referenciais, a forma de se orientar endereços, de se identificar materiais, de se relacionar com nomes próprios e objetos, uma mudança em nível semiótico da sociedade. Não nos aprofundaremos nesta direção, entretanto.

O que proponho aqui é pensar que o mundo à época de Bonucci era diferente do de Estevão, na linha do tempo e no espaço geográfico, o que serve de indício de que sua escrita e as influências que sofriam, os temas de interesse e as maneiras de compreendê-los eram diferentes, mesmo que sem ter como imaginar um paralelismo perfeito. Seus discursos, a priori, não seria diferente na mesma proporção em que seus mundos. Ainda que os jesuítas possuíssem uma instituição educacional focada em moldar seus alunos, assim como compartilhem experiências e certa uniformidade, por meio da centralização das informações em seu prelado e um forte sentimento de comunidade e união (o que não significa a falta de disputas internas por posições, poder ou doutrina), podemos sugerir que o sentido de inovação em Bonucci seja diferente do de Castro.

Em Castro. A “propaganda”, a forma como apresenta sua obra, possui justificativas amparadas pelas evidências. Seu livro realmente representa uma diferença em relação a seus contemporâneos. Em Bonucci, a diferença avançada, em verdade, não é tão diferente, já se estruturando como uma possível repetição retórica. Enquanto em Castro a inovação é, de fato, algo novo dentro de um universo conservador e voltado para a propagação de doutrinas consolidadas e antigas, em Bonucci a inovação é (novamente, possivelmente) a aparição de um elemento tradicional, talvez comparável ao ato dos autores religiosos de se apresentarem a seus leitores como servos mui humildes de Deus e maiores pecadores em busca de salvação. O que nos diria mais sobre um estilo de escrita e gênero literário, do que sobre suas pensadas e pesadas crenças sobre a devassidão ou sobre a humildade do autor.

### **Ariès: a longuíssima duração**

*Só a partir de uma perspectiva de longa duração, pela comparação com épocas passadas, percebemos quanto aumentou nossa segurança contra os perigos físicos imprevisíveis e as ameaças imponderáveis à nossa existência (Elias 2001: p. 24).*

Ao se falar das atitudes diante da morte estamos falando então desta relação com os perigos sociais, como já expostos anteriormente, mas se fala também de uma realidade física, uma condição biológica inoxidável. Mas se a longa duração revela, ela também não esconde? Sua batalha em evidenciar transformações que poderiam ser consideradas continuidades na curta duração não oculta algo? Ao considerar grandes transformações que levam séculos para operar, não atua aí a desconsideração ou não se impõe, ao menos, uma hierarquia inferior implícita ao elemento humano?

Ariès em seus estudos sobre a morte trava essa batalha de forma explícita. Mas antes de penetrar seu pensamento devemos estabelecer uma apologia: Ariès não projeta sua maneira de estudar a morte e a longa duração como o único caminho, mas o apresenta como o seu caminho e demonstra enorme respeito a demais autores, como Vovelle. Esta observação serve a título de não se tentar impor a Ariès um fanatismo por suas próprias palavras.

Dito isto, Ariès opera uma história das mentalidades impressionista, caracterizada por largos balanços entre o tempo e raramente fundando suas afirmações em referências geográficas precisas. Quando se refere a este ou aquele lugar em um dado período, o faz com a intenção de demonstrar uma coesão de ideia que permita vislumbrar a mentalidade. Esta que deve ser algo manifesto em toda sociedade. O termo mentalidade é decorrente do uso, não é representante de um projeto coletivo, de uma escola etc, mas o modo de tratamento de Ariès não é propriamente incomum. A mentalidade é aquilo que conectará o simples camponês e o mais destacado erudito, é uma espécie de supra consciência daquele tempo e que encontrará apenas a distância alguma fronteira geográfica. A história da morte

de Ariès engloba todo a cultura ocidental, ou quase todas (uma vez que aqui e ali reconhece algumas exceções que o fazem recuar, como a própria América Latina).

*Tenho tendência a desvalorizar a influência dos sistemas religiosos e culturais – nem o Renascimento nem o Iluminismo aparecem em minha periodização como referenciais decisivos. A Igreja me interessa mais como indicador e revelador de sentimentos despercebidos do que como grupo de pressão que terá comandado dos sentimentos em suas origens. A meu ver, as grandes oscilações que arrastam as mentalidades - atitudes diante da vida e da morte – dependem de motores mais secretos, mais subterrâneos, no limite do biológico e do cultural, ou seja, do **inconsciente coletivo**.*

É flagrante que na análise de Ariès as articulações políticas recebem espaço reduzido. Seu lugar de escrita é a década de 60 e não poderia ser seu texto mais simbólico de uma batalha pela supremacia dos problemas culturais, ideias e submissão do político (que demorará algumas décadas até reganhar prestígio). Entretanto, na cosmogonia historiográfica de Ariès não é negada a existência de grupos de pressão e seus efeitos sobre a sociedade, mas isto não é o objeto de investigação desse pesquisador.

*Philippe Ariès, em seu instigante e bem-documentado **História da morte no Ocidente**, tentou apresentar a seus leitores um retrato vívido das mudanças no comportamento e atitudes dos povos ocidentais diante da morte. Mas Ariès entende a história puramente como descrição. Acumula imagens e mais imagens e assim, em amplas pinceladas, mostra a mudança total. Isso é bom e estimulante, mas não explica nada. A seleção de fatos de Ariès se baseia numa opinião preconcebida.* (Elias 2001: p. 19)

A crítica de Elias condensa bem os problemas da abordagem da história das mentalidades de Ariès. Ariès utiliza de um enorme conjunto documental, a erudição se torna ferramenta de pesquisa. Os saltos lógicos efetuados não desconexos de momentos expressos e, se fosse diferente, poderia ser submetido a contestações particulares.

Não poderia concordar com Elias em dizer que a seleção de *fatos de Ariès se baseia numa opinião preconcebida*, mas o caminho que o conduziu até esses fatos para o leitor pode ser obscuro, assim como os *motores mais secretos* e seu conceito de *inconsciente coletivo*. Não poderia concordar até por observar vários trabalhos, inclusive no Brasil (Rodrigues 2005; Reis 1991; Berto 2013), com forte base empírica, que se alinham aos conceitos traçados por Ariès. Por vezes reorganizando sutilmente algumas datações possíveis e oferecendo uma tessitura diferente, mas ainda amparada sobre os ossos construídos naqueles estudos e chegando a conclusões similares, senão iguais.

### **Vovelle: o foco na empiria**

Ainda que reconhecendo os méritos dos estudos de Ariès, tanto em sua contribuição para os estudos sobre as atitudes diante da morte, quanto aquilo que acrescenta ao debate sobre o tempo histórico, acredito ser propício buscar um contraponto, uma outra forma de se

pesquisas história dos comportamentos e pensamentos em relação à morte e relacioná-la com a longa duração.

Michel Vovelle compartilha com Ariès o fato de ser francês, estudarem os homens perante a morte no Ocidente e de não serem parte do grupo Annales, que ainda gozava de certa hegemonia na década de 70, época em que tiveram a chance de debater seu tema comum de estudos. Travaram diálogos e discussões sobre o tema e compartilharam de certo companheirismo, sem abdicarem de projetos particulares, decorrentes de suas diferentes maneiras de abordar o assunto. Utilizando as considerações de Ariès:

*M. Vovelle também admite a importância do inconsciente coletivo, mas tende a reconhecer, como mostrou em seu belo **Mourir autrefois**, um peso maior para os costumes do que eu atribuí ao que chamamos, em nosso tão resumido debate, de **ideias claras** – doutrinas religiosas, filosofias morais e políticas, efeitos psicológicos dos progressos científicos e técnicos e dos sistemas socioeconômicos. (Ariès 2012: p. 279-280).*

Vale dizer que as ideias claras em questão são utilizadas como um eufemismo comparativo em relação ao *inconsciente coletivo*, um tanto mais obscuro e difícil de se sondar, conectado a um conjunto de ideias rarefeitas na linha do tempo. O comentário feito acima por Ariès bem determina a seara de cada um dos autores. Vovelle confere importância a todos esses elementos que Ariès considera apenas como indicadores da ação dos *motores secretos*.

Mas não se trata apenas de uma diferença de conceitual, de ser dar importância a um tipo de informação ou outro. A metodologia de Vovelle envolve um forte engajamento empírico. Bebia da mesma fonte de Ladorie e se dedicou às grandes massas de documentação homogênea como panfletos, santos, testamentos, etc, e com isto buscou ultrapassar o elemento descritivo, marca de Ariès, conforme notação de Elias. Obviamente, não se trata de dizer que Vovelle fez o que fez em decorrência ou resposta a Ariès (embora isto possa muito bem ser uma verdade pontual), mas, sim, indicar seu ponto de dissonância com o autor da *História da morte no Ocidente*.

*Onde historiadores anteriores haviam justaposto evidências quantitativas sobre mortalidade com evidências mais literárias sobre as atitudes frente a morte, Vovelle quis mensurar mudanças no pensamento e no sentimento. Deu atenção, por exemplo, às referências feitas à proteção dos santos padroeiros; ao número de missas que o testador encomenda para a salvação de sua alma; aos arranjos feitos para os funerais e mesmo ao peso das velas acendidas durante a cerimônia (Burke 1997: p. 90).*

Particularmente interessante para nós é seu estudo sobre as referências sobre as proteções dos santos padroeiros. Aqui a longa duração ainda é ferramenta de trabalho e problema de pesquisa, afinal, a mudança ainda é o objeto, porém não de forma impressionista e não sem levar em conta as particularidades locais. A mudança deve ser conectada com a ação humana, com os grupos de pressão, com as instituições.

Mas a quantificação, a mensuração, é uma regalia nem sempre possível. O tratamento de massas documentais homogêneas apenas é possível quando essas massas existem e, mais devidamente, quando existem em modalidade e tipo que sejam capazes de dar conta do problema de pesquisa escolhido. No caso de Vovelle, foi capaz de com sua base documental perceber um universo de gastos com a morte, um refinamento do ritual funerário e da expressão religiosa a que chamou de *pompa barroca*.

Cabe dizer aqui que a diferença ente Vovelle e Ariès se torna infinitamente menor no trabalho recente do mesmo, *As almas do purgatório*, em que faz um giro exploratório em busca das imagens do purgatório e das práticas de luto, ou seja, as vivências antes da morte, em expectativa de sua ocorrência, e as atitudes do que permanecem vivos.

*Todos esses fragmentos de conhecimento não constituem, longe disso, uma trama contínua no espaço e no tempo. Desse modo, ao bater as cartas, tínhamos apenas a imagem de um patchwork descontínuo, delimitado por terras conhecidas, em uma ou outra época, sob um ou outro aspecto, ao passo que se estendia uma terra incógnita, progressivamente impenetrável à medida que nos afastávamos de um epicentro francês e, em menor grau, ibérico ou italiano (Vovelle 2010: p. 16).*

As críticas tecidas por Elias poderiam ser reproduzidas aqui, assim como o elogio referente a uma vasta documentação. Porém, Vovelle é mais contido em suas explicações, evita de criar grandes conceitos de valores universais (ou ao menos, ocidentais), mas por mais que tente escapar disto, a cada tópico trazido faz uma longa viagem ao redor das imagens disponíveis pela Europa e as trata com uma conexão forte de significado que apresenta a mesma excitação das considerações de Ariès e também os mesmos perigos.

### **Conclusão**

Mas expostas as diferenças entre esses dois projetos de trabalho com a longa duração e as atitudes do homem diante da morte, cabe agora expor conclusões práticas para o estudo do discurso da boa morte, objeto subjacente a este trabalho.

Ainda que se imponha crítica e pesares sobre o trabalho de Ariès, deve-se perceber a inovação de sua pesquisa e as concepções estruturantes do campo tanatológico. Como dito antes, ossos que ainda influenciam as análises historiográficas. E a documentação de Ariès é por demais ampla, mas talvez não tão ampla para dar conta de todo o Ocidente, como se propõe. Mas se seus conceitos e afirmações não expressem todas as realidades locais, oferece boas perguntas ao que trabalha com o outro grau da escala. Ao colocarmos em foco comunidades específicas, elas não se relacionam com movimentos talvez mais duradouros, de difícil percepção? As inovações conscientes e inconscientes não se relacionam com um fundo mais comum?

Em meu caso específico, podemos realmente confirmar que a relação do homem com a morte se direciona para um recalçamento, que irá se apoiar fortemente em um movimento

de secularização no XIX para uma quase negação da morte no século XX? Os manuais com os quais trabalho talvez não alcancem o problema na contemporaneidade, mas sem nenhuma busca teológica, com certeza, a questão de Ariès inspira a comparação entre os manuais ao longo dos séculos. Estimula a pesquisa dos elementos de continuidade e em quais pontos o discurso se torna mais ou menos enfático em cada época, possibilitando o encontro dos pontos de transformação/ruptura. Em outras palavras, as de Burke:

*O que Ariès vinha realizando sozinho no campo da história da morte, em seu estilo deliberadamente impressionista, foi assim completado por pesquisas coletivas e quantitativas de profissionais (Burke 1997: p. 90).*

Não existe um grupo de apoio à pesquisa “ariesiana”, tentando completar os campos que deixou aberto à perscrutação. Mas seus conceitos deixam desafios interpretativos que raramente são ignorados pela historiografia tanatológica.

Mas, e Vovelle? A sua maneira de constituir o estudo das práticas e costumes diante da morte se formou em paradigma seguido ainda hoje, sendo dois exemplos recentes os trabalhos de Ana Cristina Araújo, em Portugal, e de Cláudia Rodrigue, no Rio de Janeiro. Ambos apoiados em uma base empírica de testamentos, inventários, notícias de jornal, documentos comerciais referentes a aquisição de artigos que se relacionam com as práticas funerárias, dados demográficos. Essa base empírica permite caminhar ao longo do tempo mais dilatado sem perder uma ancoragem temporal específica, em outras palavras, auxilia a evitar uma deriva interpretativa que não permita compreender de que local e em qual momento nos referimos. Este comprometimento parece ser importante para meu estudo, que pretende ter como foco manuais que vão do século XVII ao XIX. Vovelle representa uma espécie de orientação metodológica, um aviso, para contextualizar os documentos, efetuar uma crítica da fonte, observar sua relação com os imperativos sociais.

E, a título de conclusão, vale efetuar uma apologia em relação à adesão de Vovelle a um estilo de história mais similar às mentalidades de Ariès. Aqui, o similar é de essencial compreensão e não pode ser entendido como igual. Vovelle irá, sim, atacar imagens separadas por longos períodos e distâncias impressionantes, mas seu cuidado em tentar conciliar esses fatores, deve ser respeitado. Ainda que aceite essa diversidade de elementos, não tenta construir uma teoria una que justifique todas essas partes que dificilmente seriam coesas na realidade. Mas as traz a realidade exatamente como indagações, casos que não podem ser ignorados, às vezes até questionando suas próprias conclusões, como peças de um quebra-cabeça incompleto, mas, que por ter tantas peças, nem seja totalmente capaz de demonstrar que a construção até o momento está incorreta, nem permitir ter níveis altos de certeza sobre as explicações engendradas. Despeço-me, então, com um trecho de Vovelle, que bem representa seu estágio de pesquisa e, porque não dizer, gera um sentimento de identificação por parte do autor deste escrito.

*Enquanto caminhávamos, e conforme o presságio dado pelas figurações das imagens com que lidávamos, fomos acometidos por múltiplas tentações, boas e más, que ilustravam bem a dificuldade de circunscrever o tema.(...) Em vez de excluir esses temas conexos, preferimos integrá-los, quando se mostrava necessário, a este caminhar global, para respeitar a problemática definida inicialmente, e que permanece a referência derradeira: como lidaram os homens, seja na base do afeto, seja na do terror, com a sobrevida no além, atribuída àqueles que os precederam para que estejam em paz com eles?(Vovelle 2010: p. 21)*

## Bibliografia

- Araújo, Ana Cristina Cardoso dos Santos Bartolomeu de. 1997. *A Morte Em Lisboa: Atitudes E Representações: 1700-1830*. Lisboa: Editorial Notícias.
- Ariès, Philippe. 2012. *História Da Morte No Ocidente: Da Idade Média Aos Nossos Dias*. Translated by Priscila Viana de Siqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Berto, João Paulo. 2013. "A Escola de Bem Morrer Do Padre Antonio Maria Bonucci (1651-1729): Subsídios Para a Análise Da Fonte." *Tempo de Conquista* nº 13, jul.
- Bonucci, Antonio Maria. 1701. *Escola de Bem Morrer: Aberta a Todos Os Chistãos, & Particularmente Aos Moradores Da Bahia Nos Exercícios de Piedade, Que Se Practicão Nas Tardes de Todos Os Domingos Pelos Irmãos Da Confraria Da Boa Morte, Instituída Com Authority Apostolica Na Igreja Do Collegio Da Companhia de Jesus*. Lisboa: na Oficina de Miguel Deslandes.
- Burke, Peter. 1997. *A Escola Dos Annales (1929-1989): A Revolução Francesa Da Historiografia*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP.
- Castro, Estevão de. 1627. *Breve Aparelho, E Modo Facil Para Ajuda a Bem Morrer Hum Christão, Com a Recopilação Da Materia de Testamentos & Penitencia, Varais Orações Devotas, Tiradas Da Escritura Sagrada, & Do Ritual Romano de N.S.P. Paulo V*. Lisboa: por Mattheus Pinheiro.
- Chartier, Roger, and Pierre Bourdieu. 2011. "A Leitura: Uma Prática Cultural." In *Práticas de Leitura*, 5ª edição, 229–54. São Paulo: Estação Liberdade.
- Elias, Norbert. 2001. *A Solidão Dos Moribundos: Seguido de "Envelhecer E Morrer"*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Perelman, Chaïm, and Lucie Olbrechts-Tyteca. 2005. *Tratado de Argumentação: A Nova Retórica*. 2ª edição. Justiça E Direito. São Paulo: Martins Fontes.
- Reis, João José. 1991. *A Morte É Uma Festa: Ritos Fúnebres E Revolta Popular No Brasil Do Século XIX*. São: Companhia das Letras.
- Rodrigues, Cláudia. 1997. *Lugares Dos Mortos Na Cidade Dos Vivos: Tradições E Transformações Fúnebres No Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração.
- . 2005. *Nas Fronteiras Do Além: A Secularização Da Morte No Rio de Janeiro (séculos XVIII E XIX)*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional.
- Vovelle, Michel. 2010. *As Almas Do Purgatório, Ou, O Trabalho de Luto*. Translated by Aline Meyer and Roberto Cattani. São Paulo: Editora UNESP.